



CIÊNCIAS HUMANAS

Os desafios da escola contemporânea: enunciações de uma professora da rede pública de educação

The challenges faced by a contemporary scholl: a public school teacher's enunciations

Michele Roos Marchesan¹; Marli Teresinha Quartieri²; Rogério José Schuck³; Suzana Feldens Schwertner⁴

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo averiguar os desafios da escola contemporânea, por meio da articulação entre referencial teórico e análise de dados produzidos por uma professora da rede pública de educação. A investigação, de cunho qualitativo, envolveu uma professora da rede pública de educação, que atua em duas instituições de ensino no município de Lajeado – RS. Para a produção dos dados, utilizou-se de dois-meios: entrevista semiestruturada e produção de uma imagem que apresentasse os desafios da escola na contemporaneidade. Por meio do estudo realizado, foi possível identificar como desafios da escola na contemporaneidade a necessidade de superar o descompasso e a incompatibilidade entre a escola e a sociedade, e entre a escola e os alunos. Ademais, os resultados também apontam para a necessidade de se refletir, na escola, sobre os processos de ensinar e aprender, levando-se em conta os avanços e as transformações que ocorrem na sociedade contemporânea, partindo de uma perspectiva de formação de professores construída dentro da profissão.

Palavras-chave: *crise da escola moderna, contemporaneidade, formação de professores.*

ABSTRACT

This article aims to reflect on the initial and / or continuous training of teachers, their challenges in the teaching of Natural Sciences and how they guide their students in the construction of scientific knowledge. Addresses from the perspective of different authors the "knowledge" and "know-how" of science teachers the idea of learning as construction of knowledge. It points to the profile of the science teacher as the one who will mediate knowledge for his students with a view to learning, challenging the use of scientific knowledge, educational technologies and didactic strategies that were often not present in their training. View that teaching done by this teacher is seen also as a learning for himself. Finally, consider the need for qualification of the teacher, so that this does not stay on the sidelines of school needs without identifying its shortcomings.

Key-words: *Teacher training, Science, Scientific knowledge.*

^{1;2;3;4}UNIVATES - Centro Universitário Centro Universitário Univates, Lajeado/RS – Brasil

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo é resultado dos estudos e discussões em torno do contexto da crise da escola moderna e a transição para a escola contemporânea, bem como dos desafios da escola na contemporaneidade e as interfaces com a formação docente, ocorridos durante o desenvolvimento da disciplina de Educação e Contemporaneidade, do Programa de Mestrado Acadêmico *Stricto Sensu* em Ensino, promovido pelo Centro Universitário UNIVATES, *campus* Lajeado - RS. Inicialmente foram realizadas reflexões acerca do contexto da crise da escola moderna e a transição para a escola contemporânea. Essas discussões evidenciaram a necessidade de transformação por parte da escola. Segundo Jorge Ramos do Ó (2007), a escola é uma instituição secular que, apesar das mudanças ocorridas desde a sua criação, ainda mantém características bastante firmes e até mesmo intocadas.

Trata-se de uma investigação qualitativa com o objetivo de averiguar os desafios da escola na contemporaneidade, por meio da articulação entre referencial teórico e análise de dados produzidos por uma professora da rede pública de educação. Para a geração dos dados, utilizou-se dois meios: entrevista semiestruturada e produção de uma imagem que apresentasse os desafios da escola na contemporaneidade. A investigação envolveu uma professora da rede pública de educação, que atua em duas instituições de ensino, uma pertencente à rede estadual e a outra à rede federal, no município de Lajeado – RS.

2. A CRISE DA ESCOLA MODERNA E A TRANSIÇÃO PARA A ESCOLA CONTEMPORÂNEA

Séculos se passaram desde a criação da escola como instituição responsável pela educação de crianças e jovens. No transcorrer desse tempo, ela tem sido objeto de estudos e teorizações por filósofos, sociólogos, historiadores, pedagogos e pensadores em geral (Costa, 2007). Os discursos provenientes desses estudos e teorizações atribuem à escola as mais variadas competências, responsabilidades e tarefas.

O surgimento da escola, para Costa (2007), ocorreu por volta do século XV, incorporada ao conjunto de transformações sociais, econômicas e culturais que apontam a emergência do mundo moderno. Para a autora, a escola apresenta-se, desde então, como fundamental na constituição da modernidade: “Uma instituição sólida, com poucas mudanças através dos séculos, e uma poderosa maquinaria, ainda hoje, na formação, no disciplinamento e no processo civilizatório empreendido pelas sociedades modernas” (Costa, 2007, p. 54).

Para dar conta daqueles indivíduos nos quais a escola não conseguiu produzir os efeitos civilizatórios desejados, de acordo com Veiga-Neto (2007), foram inventadas instituições como o manicômio, a prisão, o quartel. Cabe ressaltar que “[...] entre todas essas instituições, a escola é a mais geral, é aquela que se estende – ou a que deve se estender, é o que se espera - mais ampla e duradouramente a todos os indivíduos dessa sociedade que se quer civilizada” (Veiga-Neto, 2007, p. 99).

Assim como Costa (2007), os autores Sibilia (2012) e Veiga-Neto (2007) também reconhecem a escola como uma maquinaria. Uma maquinaria, segundo Veiga-Neto (2007), capaz de plasmar as subjetividades dos indivíduos a partir de modos de viver socialmente o espaço e o tempo. Para o referido autor, muito antes de funcionar como um aparelho de ensinar conteúdos e de reprodução social, a escola moderna funcionou, e ainda funciona, como uma grande fábrica que produziu, e, ainda gera, novas formas de vida. Nesse contexto, em concordância com o autor, pode-se dizer que a escola operou como uma grande maquinaria incumbida de fabricar o sujeito moderno.

Ao pensar o espaço e o tempo em que se forma o sujeito moderno, o autor apresenta a disciplinaridade como o elo entre a escola e a sociedade modernas. Ao utilizar o termo disciplinaridade, Veiga-Neto (2007) faz referência tanto à disciplina-corpo quanto à disciplina-saber. Para o autor, “[...] ambas estão implicadas num tipo de poder – o poder disciplinar – do qual depende a nossa “capacidade” de nos autogovernarmos mais e melhor” (Veiga-Neto, 2007, p. 101).

Portanto, a escola, em sua origem, foi pensada e fundamentada, conforme Veiga-Neto (2007), em práticas disciplinares e, assim, foi de extrema importância para a criação e a manutenção de uma sociedade disciplinar. No entanto, observa-se que ela está em descompasso com a própria sociedade, uma vez que esta, ainda segundo o autor, está se tornando uma sociedade de controle, “[...] cuja ênfase parece recair cada vez menos no disciplinamento vertical (dos corpos e saberes) e cada vez mais no controle permanente, horizontal e minucioso (sobre os corpos)” (Veiga-Neto, 2007, p. 110).

Veiga-Neto (2007) evidencia a conexão entre o que se passa na escola, suas práticas e as demais práticas sociais, de forma que refletir sobre as mudanças na esfera desta instituição pressupõe refletir sobre as mudanças na esfera da sociedade. Assim, o referido autor reitera a existência de um descompasso entre a escola e as mudanças espaciais e temporais, e é neste descompasso entre “[...] as práticas escolares e as rápidas modificações espaciais e temporais que estão acontecendo no mundo atual que está boa parte daquilo que se costuma denominar “crise da escola”” (Veiga-Neto, 2007, p. 102).

O sentimento de que a escola está em crise é reforçado por se perceber que ela vai se tornando, de acordo com Sibilía (2012), incompatível com os corpos e as subjetividades das crianças e jovens do século XXI. A incompatibilidade está associada tanto no que se refere aos componentes quanto aos modos de funcionamento da escola.

François Dubet (1997) igualmente acredita que existe um descompasso entre a escola e os alunos. Para exemplificar, pode-se pensar a questão do currículo e dos programas escolares que estão em voga. Para o autor, os programas são construídos para alunos que não existem. Ou seja, alunos surpreendentemente inteligentes, que possuem, no mínimo, pais professores de filosofia e de história. Nesse sentido, o autor reforça a necessidade de se repensar os programas escolares, a fim de evitar situações de fracasso escolar.

A partir dessas reflexões acerca do descompasso e da incompatibilidade da escola em relação à sociedade e aos alunos, fazem-se oportunos os questionamentos: a escola do século XXI mudou? O que nela mudou? E as pessoas que a constituem mudaram? Para Jorge Ramos do Ó (2007), a escola mudou, não tanto quanto se almeja e na mesma agilidade das mudanças observadas na sociedade e nas pessoas que a foram constituindo ao longo do tempo.

Se analisada a questão do modelo estrutural e organizacional que se tem hoje de escola, constata-se, conforme Ó (2007), que esse modelo foi criado no final do século XIX. Ou seja, em termos de estrutura, a escola ainda se mantém segmentada em séries formadas por alunos com idades semelhantes. Os saberes, por sua vez, traduzidos nos conteúdos trabalhados em aula, respeitam essa correlação entre idade e série. No tocante à progressão dos alunos, depende dos resultados obtidos nas avaliações realizadas no transcorrer do ano letivo. Nota-se que as avaliações se aproximam muito do conteúdo ministrado e este, segundo o autor, é um conteúdo racionalista com vistas a

construir através das disciplinas do plano de estudo uma visão racional e articulada da realidade, que tem dentro dela um modelo intelectual que consiste em imaginar que o mundo é um mundo completo. [...] É, portanto, um modelo racionalista, herdado das luzes, do Iluminismo (Ó, 2007, p. 110).

Como apontado anteriormente, a sociedade mudou e, para Ó (2007), ela foi abandonando, principalmente nas últimas décadas, esse modelo racionalista. No entanto, a escola “tem refletido pouco sobre essa mudança; ela continua a funcionar a partir de ideias claras e distintas sobre o que é certo e errado” (Ó, 2007, p. 110).

Além dessa mudança em relação ao modelo racionalista, outras transformações igualmente vêm ocorrendo e merecem ser refletidas pela escola, visto que implicam diretamente no papel da escola na contemporaneidade e apresentam-se, muitas vezes, como desafios. Os avanços tecnológicos e científicos, a reestruturação produtiva, as mudanças no processo de trabalho e a intensificação dos meios de comunicação são exemplos de transformações (Libâneo, 2007).

Para Moran (2012), entre os desafios enfrentados ao longo dos tempos, ensinar e aprender ainda são os maiores, especialmente agora em que se vive a transição para um modelo de gestão da informação e do conhecimento. Nessa perspectiva, questiona “como ensinar e aprender em uma sociedade mais interconectada?” (Moran, 2012, p. 11). Para tanto, se faz necessário refletir acerca da relação entre escola e os avanços tecnológicos.

3. A ESCOLA E OS AVANÇOS TECNOLÓGICOS

Quanto ao avanço tecnológico existe uma expectativa de que as tecnologias possibilitarão soluções rápidas para o ensino. No entanto, “se ensinar dependesse só de tecnologias, já teríamos achado as melhores soluções há muito tempo. Elas são importantes, mas não resolvem as questões de fundo” (Moran, 2012, p. 12). Para Masetto (2012), não se trata apenas da substituição do quadro-negro e o giz por slides construídos no *Power Point*, a utilização de um *Datashow* (Masetto, 2012) e a utilização de uma lousa digital.

Sabe-se que os avanços tecnológicos já repercutem na maneira como os alunos se comunicam, relacionam-se com os outros e acessam as informações disponíveis na internet e nas redes sociais, por exemplo. Diante disso, verifica-se a necessidade de se repensar os processos de ensinar e de aprender. Para Moran (2012, p. 29), “ensinar e aprender exigem hoje muito mais flexibilidade espaço-temporal, pessoal e de grupo, menos conteúdos fixos e processos mais abertos de pesquisa e de comunicação”. Para ele, “uma das dificuldades atuais é conciliar a extensão da informação, a variedade das fontes de acesso, com o aprofundamento da sua compreensão, em espaços menos rígidos, menos engessados” (Moran, 2012, p. 29).

Em relação ao processo de ensinar, o autor aponta como um dos grandes desafios para o professor tornar a informação significativa para os alunos. Em outras palavras, torna-se necessário ensinar os alunos a selecionarem as informações verdadeiramente relevantes diante de tantas possibilidades,

compreendendo-as de forma mais abrangente e profunda e assim torná-las parte do referencial dos alunos (Moran, 2012).

No tocante à aprendizagem, segundo o mesmo autor, uma parte significativa da aprendizagem acontece quando se consegue integrar “[...] todas as tecnologias, as telemáticas, as audiovisuais, as textuais, as orais, musicais, lúdicas, corporais” (Moran, 2012, p. 32). Cada um dos meios citados apresenta diversas possibilidades, todavia cabe aprender a explorar cada um deles.

3. A FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA CONTEMPORANEIDADE

Ao se explorar as questões relacionadas aos desafios da escola na contemporaneidade, a dimensão formação docente emerge significativamente. Nóvoa (s/d, texto digital⁷) está convencido de que neste século XXI os professores estão no centro das preocupações educativas. Ao escrever sobre a história da educação em relação às suas preocupações no decorrer das décadas do século XX, o autor destaca que os anos de 1970 foram determinados pela racionalização do ensino. Já os anos de 1980 foram marcados pelas reformas educativas, com atenção aos currículos. Os anos de 1990, por sua vez, foram centrados na organização, administração e gestão dos estabelecimentos de ensino. Já no século XXI, “parece ter voltado o tempo dos professores” (Nóvoa, s/d, texto digital).

Para Ghedin (2009) existem atualmente quatro tendências que interferem na formação do professor na contemporaneidade, que são: o saber docente, a reflexão sobre a prática, a pesquisa no ensino e as competências da formação. Essas tendências “interferem no pensamento, no processo pedagógico e na formação dos professores” (Ghedin, 2009, p. 2).

Em relação à formação do professor, o autor teoriza que ela deve ser fundamentada em cinco princípios. O primeiro princípio refere-se à dimensão ética, pois “O ser professor está imbuído de um conjunto de valores e de práticas que servem como inspiração, como referência, são formativas dos alunos” (Ghedin, 2009, p. 23).

Aliado a uma prática ética, o professor possui um compromisso político, uma vez que “o ato pedagógico é também político” (Ghedin, 2009, p. 24). Como terceira dimensão, o autor cita a dimensão

⁷ s/d e texto digital: a identificação da data e página não estão disponíveis no artigo consultado em meio digital. O endereço eletrônico está disponível nas Referências Bibliográficas.

epistemológica, visto que o professor precisa dominar os conceitos da área de conhecimento em que atua.

A outra dimensão relaciona-se à técnica, que se refere ao domínio dos procedimentos e métodos de ensino e de aprendizagem. Para o autor, o professor precisa perceber como conduzirá o processo de aprendizagem. Por fim, mas não menos importante, Ghedin (2009, p. 25) destaca a dimensão estética, já que “não somos feitos apenas por racionalidade, mas também por sonhos, carinhos, afetividade e emoções”.

Nóvoa (s/d, texto digital) destaca, ainda em relação à formação dos professores, a necessidade de uma formação construída dentro da profissão. Esse autor vem reforçar a ideia de uma formação “baseada numa combinação complexa de contributos científicos, pedagógicos e técnicos, mas que tem como âncora os próprios professores, sobretudo os professores mais experientes e reconhecidos” (Nóvoa, s/d, texto digital).

4. METODOLOGIA UTILIZADA

O presente artigo está construído sobre os pilares de uma investigação qualitativa, no sentido que esta se ocupa com interpretações das realidades sociais (Bauer & Gaskell, 2007), segundo a perspectiva dos atores envolvidos (Moreira, 2011). Para Moreira (2011, p. 221), “o interesse central da investigação qualitativa está nos significados que as pessoas atribuem a eventos e objetos, em suas ações e interações dentro de um contexto social, e na elucidação e exposição desses significados”.

Destarte, esta investigação envolveu uma professora de 49 anos, com formação inicial em Magistério, Licenciatura em Pedagogia, concluída no ano de 1987, e Habilitação em Orientação Educacional, concluída no ano de 1989. Além desses cursos, a professora cursou Pós-Graduação *Lato Sensu* em Informática na Educação, modalidade a distância, concluída em 2001. A professora reside e trabalha na cidade de Lajeado - RS, onde atua, há dois anos, em duas instituições de ensino, uma pertencente à rede estadual e a outra à rede federal, exercendo a função de Pedagoga - Orientadora Educacional.

Sua carreira no magistério iniciou em 1989, momento da sua primeira nomeação como professora estadual. No decorrer dos 27 anos de atuação no magistério, a professora entrevistada já trabalhou nas séries iniciais do Ensino Fundamental, ministrou disciplinas de Ensino Religioso, Psicologia e atuou como Orientadora Educacional.

Esta investigação utiliza dois meios de produção de dados: texto e imagem (Bauer & Gaskell, 2007). Como texto, fez-se uso de entrevista semiestruturada, composta de nove questões abertas. Como imagem, solicitou-se a produção de uma fotografia que apresentasse os desafios da escola na contemporaneidade segundo o entendimento da professora entrevistada, ficando a sua análise por conta dos autores da presente investigação. A entrevista foi gravada e transcrita na íntegra para futura análise dos dados produzidos e, para garantir o anonimato da entrevistada, seu nome não foi divulgado. A entrevistada assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido segundo modelo disponível pelo Centro Universitário UNIVATES, estando de acordo em contribuir com a pesquisa.

Como referências para análise da imagem produzida pela professora foram utilizados os textos “Os Meninos”, de Lopes e Veiga-Neto (2004), “Las Meninas”, de Foucault (1999) e “Para Falar de Disciplina, Corpos e Conhecimentos Entre os Muros da Escola” de Pastoriza e Pino (2015). Na esteira das investigações referentes à análise de imagem, Leão, Schwertner, Schuck e Quartieri (2014, p. 96) enfatizam que

o estudo da imagem abre perspectivas comumente não abordadas nas análises mais recorrentes. Segundo Souza (1998), por meio dessa análise é possível entender elementos visuais, como os operadores de discurso, que são a primeira condição para se desvincular o tratamento da imagem por meio da sua relação com o verbal.

5. RESULTADOS E DISCUSSÕES

As respostas produzidas na entrevista e a imagem elaborada pela professora serão apresentadas e discutidas na sequência. A entrevista iniciou com a apresentação de dados pessoais da professora, tais como: nome, idade, residência, formação, tempo de atuação no magistério e em que nível. Em seguida, a professora foi questionada com que intensidade vinha frequentando cursos de formação continuada, qual e quando foi o último. A essas perguntas a entrevistada respondeu:

Eu sempre me coloco como propósito em ter no mínimo um curso por ano e a gente acabava sempre tendo mais que um curso porque na escola estadual existia um plano do estado de capacitação em diversas áreas [...] e se pegava muita carona também dentro do município. [...] Daí as escolas estaduais e municipais participavam de formação conjunta [...]. Isso era uma coisa bem interessante (Entrevistada, 2016).

Percebe-se na fala da entrevistada a importância da parceria entre o estado e os municípios. Cabe ressaltar que a professora trabalhou nos municípios de Horizontina-RS, Panambi-RS, Santa Maria-RS e

atualmente em Lajeado-RS. Observa-se na fala da professora referência ao passado e, como se tratava de uma entrevista semiestruturada, questionou-se sobre a época em que as formações ocorreram com mais intensidade. Ela relatou que *"de 1992 até 2006, sempre tinha algo"*. Em relação ao período que reside e atua em Lajeado/RS, relatou que:

Aqui nesta região de Lajeado eu não percebo muito esse investimento em formação, de organização da escola para ter formação dos professores. A gente teve no ano passado um curso de 20h [...]. Às vezes a escola promove um curso mais em função do certificado e não tanto pensando nas necessidades da escola, do que precisa estudar para entender a sua realidade. [...] participar de curso por conta atualmente implica levar falta na escola, eu tenho que assumir faltas na minha vida funcional. [...] Depende muito do plano de governo e atualmente não tem oferecido. Atualmente a gente não tem uma proposta. Percebo que aqui em Lajeado não existe uma parceria entre o município e o estado, pelo menos não chega até a escola (Entrevistada, 2016).

Ao relatar um pouco mais sobre as temáticas das formações, quando essas aconteciam com mais intensidade, a professora destacou a mediação de conflitos, o planejamento de ensino, o projeto político pedagógico, neste ponto enfatizou que *"[...] a gente usou bastante a linha do Danilo Gandin, ele veio dar o curso para a gente. [...] Outra época foi da construção do conhecimento, trabalhamos temas ligados a Piaget"* (Entrevistada, 2016).

A entrevistada relatou que antigamente também existia a preocupação com uma formação voltada para a área de atuação e com enfoque em temas pertinentes para aquele momento. Essas enunciações da professora demonstram a relevância da proposta sugerida por Nóvoa (s/d, texto digital) quanto à necessidade de a formação dos professores ser construída dentro da profissão.

Ainda sobre os temas abordados, a professora expressou que trabalharam com questões relacionadas à escola do futuro, *"a gente teve uma iniciação a coisas que naquela época a gente nem vislumbrava que poderia ter, por exemplo, a internet dentro da escola [...] até fico arrepiada (risos) daquela emoção que se tinha"* (Entrevistada, 2016). Esse relato vem ao encontro do pensamento de Libâneo (2007) quanto à importância de se refletir na escola transformações e avanços que ocorrem na sociedade e que implicam diretamente no papel da escola na contemporaneidade.

Quando questionada sobre qual é a função da escola hoje, a professora entrevistada iniciou sua resposta afirmando que

[...] nós vivemos numa realidade que eu diria assim é bem sombria para a escola, porque vivemos uma mudança de paradigma muito grande, [...] os professores se colocam num

paradigma e a realidade do mundo atual, da sociedade [...] vive um outro paradigma e os nossos alunos vivem nesse outro paradigma. Então a escola, ela..., ela precisa buscar, eu acho, constantemente qual é a sua identidade [...]. (Entrevistada, 2016).

As diferenças paradigmáticas levantadas pela entrevistada reforçam a ideia da existência de um descompasso entre a escola e as mudanças temporais e espaciais. Assim como, também evidenciam a incompatibilidade tanto dos componentes quanto dos modos de funcionamento da própria escola. Questões essas também pontuadas pelos autores Veiga-Neto (2007), Sibilia (2012) e Dubet (1997).

Ainda em relação à função da escola, a professora salientou

Então para mim a escola tem duas funções importantes que é ensinar, que é a função para qual ela foi instituída. [...] ensinar os educandos a desenvolver suas capacidades intelectuais e reflexivas, essas capacidades para enfrentar o mundo e os problemas sociais [...]. E também de educar para a sustentabilidade, para a formação de valores e atitudes, que eu acho muito importante. (Entrevistada, 2016).

Assim como a professora entrevistada, Libâneo (2007) igualmente acredita

[...] que a função social e política da escola continua sendo a de educação geral, mediante a qual as crianças e jovens podem dominar os conhecimentos científicos, desenvolver suas capacidades e habilidades intelectuais, aprender a pensar, aprender e internalizar valores e atitudes, tudo em função da vida profissional, da cidadania, da vida cultural, tudo voltado para ajudar na melhoria das condições de vida e de trabalho e para a construção da sociedade democrática (Libâneo, 2007, p. 24).

A professora complementou sua resposta “[...] E eu acho também que uma função da escola é aprender, ensinar e aprender. [...] Nós não temos mais aquele perfil de escola que só passa conteúdo, só trabalha na transmissão” (Entrevistada, 2016). Essa análise por parte da professora entrevistada é coerente com as proposições de Moran (2012), pois, para o autor, entre os desafios enfrentados pela escola, ao longo dos tempos, ensinar e aprender ainda são os maiores. Dando continuidade na discussão sobre a função da escola, a entrevistada frisou

Ajudar o aluno a transformar as informações que ele traz em conhecimentos, como ele está muito ligado em muitos espaços, estímulos que a mídia o proporciona. [...] Agora o aluno tem acesso a informações em todos os locais em que ele está e muito rapidamente [...]. Então a função da escola, eu acho, está muito ligada em saber quais as informações ou os conhecimentos que esse aluno tem que, às vezes, é bastante fragmentado e transformar essas informações em conhecimento. (Entrevistada, 2016).

Moran (2012) aponta como um dos desafios para o professor justamente o ponto levantado pela professora entrevistada. Ou seja, ensinar o aluno a selecionar as informações verdadeiramente relevantes, diante de tantas possibilidades, compreendê-las e torná-las parte do seu referencial.

Sobre a postura do professor hoje no processo de ensino e de aprendizagem, a professora apontou

Na rede pública a gente vê o professor muito fragilizado, [...] com a democratização do acesso a escola não só tem que atender a sua função de ensinar, mas também quase que promover assistência social desses alunos. E aí o processo de ensino e aprendizagem nem sempre está em primeiro plano. O professor está nesta dicotomia entre o que ele pode oferecer, quer oferecer e o que o aluno está a fim de receber da escola. (Entrevistada, 2016).

Para reforçar o questionamento anterior, foi perguntado: o que mudou na postura no professor da década de 1990 para hoje?

Pela minha realidade não mudou muito, o professor está querendo a sua ação naquele paradigma daquela escola que era transmissora. Ele não está conseguindo essa transição para essa escola que a gente tem atual, para os educandos atuais que mudaram. [...] E principalmente, o educando vê a escola como uma coisa chata, estudar para ele é uma coisa chata. (Entrevistada, 2016).

Percebe-se, a partir das respostas da professora entrevistada, a tensão da questão disciplinar na escola, de acordo com Costa (2007, p. 103)

os estudantes reagem e contestam, enquanto grande parte dos professores e professoras persiste ensinando disciplinas e querendo disciplina nas suas aulas, mesmo concordando que isso já não corresponde ao que seria mais adequado nestes novos tempos, [...] seriam indícios de que está se exaurindo a escola vista como integrante desse projeto moderno [...].

Quando questionada se acredita em modificações na escola, na atualidade, sua resposta foi

Olha, eu não acredito em grandes mudanças na escola ou mudanças na estrutura da escola [...]. Eu acredito em mudanças mais locais, mudanças a partir dos sujeitos que estão ali na escola a partir do olho no olho com aquela realidade [...] as mudanças que vem em nível de secretaria, em nível de ministério de educação nem sempre vem ao encontro da realidade desta escola [...]. (Entrevistada, 2016).

Em relação a quais seriam essas modificações em que acredita, respondeu

Eu acredito nas mudanças a partir de um projeto pedagógico, construído em conjunto com as pessoas que estão ali, acredito no protagonismo dos jovens dentro da escola. Eu acredito nos vínculos que se estabelecem, essas relações podem causar mudanças para que a gente possa unir os paradigmas. [...] E eu acredito também nas pequenas boas

práticas do dia a dia da escola, e que não são poucas. [...] e à medida que a gente conseguir trazer e dar significado para elas dentro da escola, [...] sejam divulgadas na escola, [...] e que elas incitem a atenção das pessoas, da comunidade, se consegue alguma mudança. (Entrevistada, 2016).

A partir dos relatos da professora entrevistada emergem pontos de concordância entre as suas enunciações e de Pimenta (2007, p. 153), uma vez que, para a autora, “[...] precisamos, com os professores, construir uma nova escola; aprender a ler, compreender, interpretar a leitura que eles próprios têm da escola”. A autora complementa enfatizando que se faz necessário aprender com os professores, “[...] pois eles são capazes de ter uma posição crítica em relação ao seu trabalho” (Pimenta, 2007, p. 153).

A última solicitação feita à entrevistada foi sobre como apresentar, por meio de uma fotografia, os desafios da escola na contemporaneidade. A professora entrevistada produziu a imagem que segue na Figura 1. Cabe destacar que coube à entrevistada produzir a imagem, ficando a sua análise por conta dos autores da presente investigação.

Figura 1: Elementos que representam alguns dos desafios da escola na contemporaneidade



Fonte: Professora Entrevistada (2016).

Quando a professora entregou a fotografia salientou que produziu outras imagens, mas optou por essa em função da presença de elementos que, para ela, representam alguns dos desafios da escola na contemporaneidade.

Inicialmente, pode-se pensar que “Aparentemente, este lugar é simples” (Foucault, 2000, p. 4). Além de aparentemente simples, também parece natural quando se pensa em escola, mas, por outro lado, é preciso “tentar examinar a cena naqueles planos menos imediatos do cotidiano, de modo que, olhando para além do lugar-comum, se consiga apreender os jogos de significação nos e pelos quais aprendemos [...]” (Lopes & Veiga-Neto, 2004, p. 232).

Assim, nota-se, destacadas em primeiro plano, a presença das flores, ressaltando uma dimensão estética. A escola, instituição responsável pela educação geral (Libâneo, 2007), não se constituiu somente de prédios, mas também de vidas e belezas. E, como afirma Ghedin (2009, p. 25), “não somos feitos apenas por racionalidade, mas também por sonhos, carinhos, afetividade e emoções”.

Constata-se que a foto foi tirada em um dia de sol, o que propiciou a presença da luz solar e da sombra, produzida pelo prédio da escola. A luz solar intensifica as cores exuberantes da natureza. Já a sombra, reforça a fala da professora durante a entrevista, momento este anterior à produção da imagem: “*nós vivemos numa realidade que eu diria assim é bem sombria para a escola*” (Entrevistada, 2016). O contraste da sombra com a luminosidade revela-se como o descompasso, destacado por Dubet (1997), entre a escola e os alunos. Contudo, na imagem, a sombra produzida pelo prédio da escola ainda incide sobre os alunos.

Outro aspecto revelado na imagem é a presença do muro envolvido pelas árvores. Pastoriza e Pino (2015, p. 302) iniciam o texto “Para Falar de Disciplina, Corpos e Conhecimentos Entre os Muros da Escola” perguntando: “A escola tem muros?”. A imagem por si só responde ao questionamento. No entanto, por mais que exista um muro separando a escola do seu entorno, existem também as árvores que envolvem e ocupam os dois lados do muro. Assim é a relação entre a escola e a sociedade, pois “[...] essas barreiras físicas não são suficientes para tirá-la do jogo estabelecido entre outras instituições, outros aparelhos, outros acontecimentos” (Pastoriza & Pino, 2015, p. 304).

E a localização das janelas? Nota-se que ao mesmo tempo em que as janelas possibilitam a entrada da luminosidade nas salas de aulas, a sua localização não permite que os alunos observem o que acontece para além daquele espaço. Como se percebe na imagem, o entorno convida a imaginação para criação, exploração e vivências de situações, muitas vezes, não experienciadas nos espaços restritos das salas de aula.

Observa-se que no brinquedo “Tropa trepa” estão as crianças. Elas estão envolvidas com a brincadeira. Algumas estão no alto do brinquedo, outras estão iniciando a subida. O mesmo acontece com a

aprendizagem, nem todos aprendem tudo e ao mesmo tempo. Nesse ponto, destaca-se a importância do respeito à individualidade do aluno. Esse aspecto se apresenta como mais um dos desafios da escola na contemporaneidade e aponta a necessidade de se repensar os processos de ensinar e aprender. Levando-se em conta que “ensinar e aprender exigem hoje muito mais flexibilidade espaço-temporal, pessoal e de grupo, menos conteúdos fixos e processos mais abertos de pesquisa e de comunicação” (Moran, 2012, p. 29).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta investigação possibilitou identificar desafios que envolvem a crise da escola moderna e a transição para a escola contemporânea. A escola, mesmo estando inserida em uma sociedade contemporânea e sendo constituída por sujeitos contemporâneos, ainda mantém características provenientes de uma época moderna.

Originalmente criada para produzir o sujeito moderno, a escola vivencia, como apontado na fala e na imagem produzida pela professora entrevistada, uma realidade marcada pelo descompasso e pela incompatibilidade entre a escola e a sociedade e entre a escola e os alunos. Descompasso entre os programas escolares e os alunos, entre o que os professores querem ensinar e que os alunos querem aprender. Incompatibilidade entre a estrutura escolar e o dinamismo e a flexibilidade espaço-temporal de uma sociedade interconectada.

Considera-se necessário, a fim de superar o descompasso entre a escola em relação à sociedade e os alunos, refletir, na escola, sobre os processos de ensinar e de aprender, levando-se em conta os avanços e as transformações que ocorrem na sociedade contemporânea. Para isso, parte-se da perspectiva de uma formação de professores éticos, compromissados politicamente. Conhecedores das áreas de conhecimento e dos procedimentos e métodos de ensino e de aprendizagem.

Nesse ponto, ressalta-se a importância de refletir acerca dos avanços tecnológicos, já que tornar a informação significativa para os alunos, diante de tantas informações disponíveis, apresenta-se como um dos desafios da escola na contemporaneidade. Por fim, sugere-se a formação de professores preocupados com a estética do ensinar e do aprender, por meio de constante processo de formação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 6. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **A escola tem futuro?**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

_____. A escola poderia avançar um pouco no sentido de melhorar a dor de tanta gente. In: _____. **A escola tem futuro?**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007. p. 51-76.

DUBET, François. Quando o sociólogo quer saber o que é ser professor. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n.5/6, p. 222-231, maio/dez. 1997.

FOUCAULT, Michel. Las meninas. In: _____. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 03-22.

GHEDIN, Evandro. Tendências e dimensões da formação na contemporaneidade. In: 4º CONGRESSO NORTE PARANAENSE DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR (4º CONPEF). 2009. Londrina. **Anais...**Londrina, UEL, 07-10 de jul. 2009.

LEÃO, Marcelo Franco et al. Reflexões sobre a transição da escola moderna para a contemporânea e sua influência nos processos de ensino e aprendizagem. **Signos**. ano 35. n. 2. p. 88-102. Lajeado, 2014.

LIBÂNEO, José Carlos. A escola com que sonhamos é aquela que assegura a todos a formação cultural e científica para a vida pessoal, profissional e cidadã. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **A escola tem futuro?**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007. p. 23-50.

LOPES, Maura Corcini; VEIGA-NETO, Alfredo. Os meninos. **Educação e Realidade**, Porto Alegre (RS), v. 29, n.1, p. 229-240, 2004.

MASETTO, Marcos T. Mediação pedagógica e o uso da tecnologia. In: MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 19. ed. São Paulo: Papirus, 2012.

MORAN, José Manuel. Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas. In: MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 19. ed. São Paulo: Papirus, 2012.

MOREIRA, Marco Antonio. **Metodologias de Pesquisa em Ensino**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2011.

NÓVOA, António. Para uma formação de professores construída dentro da profissão. Disponível em: <http://www.revistaeducacion.educacion.es/re350/re350_09por.pdf> Acesso em: 17 maio. 2016.

Ó, Jorge Ramos do; COSTA, Marisa Vorraber. Desafios à Escola Contemporânea: um diálogo. **Revista Educação e Realidade**, v. 32. n. 2. p. 109-116. Porto Alegre, 2007. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/6653>> Acesso em: Acesso em: 17 maio. 2016.

PASTORIZA, Bruno dos Santos; PINO, José Claudio Del. Para falar de Disciplina, Corpos e Conhecimentos: Entre os Muros da Escola. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 9. p. 301-317. São Carlos, 2015. Disponível em: <<http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/>

[article/viewFile/1178/396](http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/viewFile/1178/396)> Acesso em: 17 maio. 2016.

PIMENTA, Selma Garrido. A análise crítica das constrações presentes na escola pode nos ajudar a transformá-la num espaço de formação ampliada. p. 151 a 172. In COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **A escola tem futuro?**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes**: a escola em tempos de dispersão. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

VEIGA-NETO, Alfredo. Pensar a escola como uma instituição que pelo menos garanta a manutenção das conquistas fundamentais da modernidade. p. 97 a 118. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **A escola tem futuro?**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.